OS DESAFIOS DE SE TRABALHAR A QUESTÃO DA SEXUALIDADE NA ESCOLA, NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIVILMA S. L. CAVALHEIRO

RESUMO:

Esse tema "sexualidade", é difícil até para alguns adultos, imaginamos o quão é difícil para se trabalhar com as crianças, mas por meio de uma pesquisa bibliográfca vamos abordar um pouco desse assunto e ver como podemos trabalhar com ele na Educação Infantil. É notório que até mesmo para os educadores não é fácil abordar esse tema, pois ainda há muito preconceito, principalmente entre os adultos, mas se trata de uma realidade que precisa ser trabalhada desde a primeira infância, porque vivemos em um mundo globalizado e a cada dia alguns conceitos estão mudando. A sexualidade está presente em todos nós e precisamos saber falar sobre ela sem medo. Para isso estudamos autores como: SILVA (2007); OLIVEIRA (2016); ZABALZA (2007) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Aprendizado; Preconceito; Professor; Crianças.

1 INTRODUÇÃO

O assunto sexualidade na escola é um desafo para os professores, pois é muito delicado, principalmente quando se trata da Educação Infantil e esse tema causa insegurança. Mas precisamos pensar que nossa sociedade tem diferentes formas de agir das pessoas e dos grupos sociais, e precisamos saber lidar com as diversidades de gênero e de sexo.

Na visão de Silva (2007), a sexualidade vem desde o nascimento, sendo relacionada com a forma como os bebês são tratados pelos pais. Eles sentem as primeiras experiências sexuais por seu próprio por meio de sensações e do contato corporal que vivenciam.

O professor precisa estar atento, pois a sexualidade está presente na vida de todos e as crianças tendem a explorar sua sexualidade nas interações e nas brincadeiras que aconteceu na escola.

A escola ainda tem muita difculdade em incluir esse tema no planejamento escolar, pois é difícil saber qual será o melhor momento de abordar esse tema com as crianças.

No entanto, os professores devem estar preparados para responder às curiosidades que as crianças têm, e deve respondê-las com naturalidade.

Sabemos que existe a necessidade de estudarmos mais sobre esse tema, pois precisamos ampliar o diálogo a respeito da sexualidade e como iremos abordar o assunto, principalmente porque, atualmente, as crianças têm acesso muito fácil aos meios de comunicação, o que, às vezes, causa influência negativa para elas.

Nosso objetivo é discutir sobre como abordar esse tema com as crianças de forma que prepare o professor para que ele desenvolva atividades para inserir esse assunto em sala de aula.

2. SEXUALAIDADE NA INFÂNCIA

Como sabemos, a sexualidade tem seu início bem antes do nosso nascimento, pois a própria fecundação e o preparo para a maternidade nos mostram a relação entre o casal e o que esperam sobre a criança que está chegando. Começamos a pensar sobre o sexo do bebê e isso já faz parte da questão de gênero.

Segundo Schindhelm (2011, p. 3), diz que:

Assim como a infância nem sempre foi vista da mesma maneira, a sexualidade também é uma construção social definida por marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Supondo o desejo de um casal ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê.

A sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas, não só dos jovens, manifestando-se não só em momentos a dois, mas sim na coletividade, em jogos, nas brincadeiras e também nos relacionamentos duradouros ou não. E, assim ela está presente também na escola.

Segundo os PCN's (1997, p. 78), eles dizem que: "não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela "invade" a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula".

Ainda segundo os PCN's (1997, p. 81):

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida, psíquica das pessoas, pois independente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-

-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.

Schindhelm (2011), afrma que Freud (2002) foi o primeiro escritor que falou sobre as experiências e as condutas sexuais e a importância que têm para a formação do sujeito.

Foram palavras que, na época, chocaram a comunidade científca.

Para Schindhelm (2011, p. 02), o:

[...] estudo freudiano sobre o impacto da sexualidade infantil para a vida adulta desafou a noção dominante da época de que a criança era uma criatura pura e inocente, razão por que foi recebido como revolucionário, chocante e mesmo ofensivo para a sociedade. Hoje, ainda convive-se com conhecimentos compartilhados socialmente sobre esse modo de olhar para a criança, fruto da esperança cultural vitoriana. Por outro lado, cada vez mais percebe-se que os pequenos têm desejos, experiências e fantasias sexuais.

A sexualidade está presente quando o bebê suga o leite materno, quando é tocado pelos pais, parentes e amigos, quando troca olhares com as outras pessoas, nas sensações do corpo, no banho etc. E, essas experiências contribuem para a formação dos vínculos de afetividade.

Para Oliveira (2016, p. 04):

A sexualidade é construída, basicamente, a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou quem cuida dele. Seguem-se a relações com a família, amigos, e as infuências do meio social. A capacidade da mãe de tocar o flho, aconchegá-lo, acolhê-lo psicologicamente, será a base para o desenvolvimento da resposta erótica e da capacidade de construir vínculos amorosos e do desejo de aprender.

Devido a esses vínculos, antes mesmo de completar um ano de vida, a criança reconhece o rosto da mãe, do pai e das pessoas de seu convívio, ela conhece também a voz dessas pessoas e já não aceita estar no colo de estranhos com tanta facilidade. E, com isso a criança vai aprendendo a lidar com o desconhecido.

Na visão de Silva (2007, p. 18):

A curiosidade sexual é a principal responsável pelo despertar da aprendizagem. A curiosidade sexual e o desejo do saber se manifestam logo no início da nossa vida. É por meio deles que compreendemos de onde e como viemos ao mundo [...].

Quando acariciamos o bebê ele sente sensações de prazer ou desprazer e essas são sensações de excitação sexual existentes desde o nascimento. Essas carícias levam os bebês a manifestarem o afeto pelas outras pessoas.

Oliveira (2016), acredita que a sexualidade não se refere apenas aos órgãos sexuais, mas a diferentes situações que promovem a excitação desde a infância e que satisfazem os prazeres de nossa fsiologia.

Para Silva (2007), a brincadeira, o movimento e a sexualidade fazem parte da vida sadia da criança, pois sem o brincar e se movimentar a vida da criança não teria graça, porque seria impossível que ela usasse a fantasia e a imaginação.

Segundo os PCN's (1988, p. 15):

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez mais maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupos, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento.

Essas sensações que a criança sente ao brincar, seja sozinha ou em grupos, faz parte da sua fase infantil, uma fase na qual ela está se descobrindo e ter curiosidades sobre seu corpo ou o do coleguinha é normal, quando uma criança pergunta algo sobre o corpo do outro colega, nesse momento o professor não pode se espantar ou deixar que ela perceba que ele está nervoso em responder, pois isso gera insegurança na criança, ao contrário o professor deve responder com naturalidade, explicando que todos nós somos diferentes, mesmo sendo do mesmo sexo.

Os PCN's (1988, p. 15), dizem ainda que:

Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso signifcativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço [...].

2.1 A SEXUALIDADE NA ESCOLA

Sabemos que o meio cultural é o que infuencia no caminhar das práticas relacionadas à criança e a sexualidade, faz parte da vida da criança o brincar com objetos e com o próprio corpo, o toque está presente todos os dias, estabelecendo relações corporais.

Dessa forma, surgem questionamentos sobre a sexualidade infantil que precisam ser elaborados com os professores e as crianças para que o corpo seja observado e seus movimentos sejam estudados, pois precisamos ajudar as crianças a entenderem seus sentimentos.

Segundo Martini (2009), é no ambiente familiar que a criança começa a conhecer um pouco sobre sexualidade, pois é através do comportamento dos pais e na relação que eles têm com os filhos que se estabelecem esses valores, e, a criança irá aprender com isso, mas é na escola que ela completará essa aprendizagem e os educadores devem estar preparados.

A escola não tem a função de mudar a sociedade, mas cabe a ela trabalhar os fatos que acontecem em nossa sociedade, esclarecendo dúvidas e orientando as crianças sempre que necessário. E, a sexualidade faz parte desse aprendizado, no entanto para muitos esse tema ainda gera muita polêmica, porque ainda temos muitos educadores que acreditam que a manifestação da sexualidade é algo pecaminoso e sujo.

É de nosso conhecimento que a escola precisa estar aberta para o novo, aceitando as manifestações da sexualidade, orientando as crianças e trabalhando com a diversidade sexual, respeitando as diferenças.

Para Cruz (2010, p. 46):

Educação sexual é educação para os valores ligados à sexualidade, quer eles sejam humanos, estéticos, sociais, éticos ou políticos. Nas suas atitudes, a pessoa formula juízos de valor. É um valor humano dizer que a sexualidade é uma fonte de prazer e não desprazer, se bem que nem todos pensem assim.

A escola deve trabalhar a sexualidade fazendo uso dos temas transversais, pois em qualquer disciplina é possível trabalhar esse tema e, a medida em que o aluno manifeste curiosidade, cabe ao educador tentar sanar essa curiosidade de forma natural.

Sendo assim, o professor não pode só ter conhecimento de sua disciplina, mas precisa conhecer as outras que fazem parte do currículo escolar, pois o conhecimento é fundamental para que ele possa orientar o aluno em qualquer que seja sua dúvida.

2.2 A SEXUALIDADE E SUAS ETAPAS SEGUNDO FREUD

Para Freud (2002), são cinco os estágios psicossexuais, são eles: 1- Oral, de 0 a 1 ano; a zona erógena é a boca, os lábios e a língua; e são estimulados quando a criança é amamentada; 2- Anal, de 2 a 3 anos; a zona erógena é o ânus que é estimulado pelo treinamento esfincteriano; 3- Fálica, de 4 a 5 anos; a zona erógena são os genitais, a criança tem complexo de Édipo, pois identifica-se com o progenitor do mesmo sexo; 4- Latência, de 6 a 12 anos; zona erógena – nenhuma área específica; energia sexual adormecida; 5- Genital; de 13 a 18 anos e até a idade adulta; a zona erógena são os genitais; ocorre com a intimidade sexual madura.

Dessa forma, entendemos que todos esses estágios acontecem em ambientes nos quais as crianças interagem com outras pessoas, sejam adultos ou outras crianças, e sabemos que desde os primeiros passos, o bebê vai construindo suas características.

Esse trabalho deve ter continuidade na escola, mas os pais precisam saber que esse tema faz parte do currículo escolar, pois sabemos da grande dificuldade que muitos pais têm em abordar esse tema com seus filhos. O sexo faz parte de nossas vidas e, a escola e a família devem estar unidas para construir nas crianças uma visão sem preconceitos.

Na Educação Infantil, as crianças costumam fazer brincadeiras como: “aqueles dois estão namorando”; “aquela menina só quer ficar perto daquele menino”; “estão namorando” entre outras. Essas expressões mostram que a sexualidade está presente na escola, mesmo que as crianças ainda não saibam diferenciar esse tipo de gostar, pois ainda são inocentes, mas já têm seus desejos e suas preferências.

Segundo Aberastury (1992, p. 63):

Os desejos genitais adquirem pujança entre os três e os cinco anos e se expressam em vários tipos de atividade, de modo que somente uma parte deles fica livre para a relação edípica com os pais. As brincadeiras sexuais entre as crianças são a norma.

As crianças vão se descobrindo com o passar do tempo, vão explorando o próprio corpo e sentindo os prazeres que ele proporciona. E, no meio dessas descobertas elas sentem interesse pelo sexo oposto e começam a falar em namoro, mesmo sem saber a real definição dessa palavra.

O fato de se sentirem bem na companhia de outra criança já é o início da sexualidade. Porém, essa fala de “namoro” é desenvolvida porque essa criança escuta no meio em que vive que duas pessoas que se gostam são “namorados”, e ela segue o exemplo, pois se sente bem com a outra criança.

Nunes (2006, p. 80), fala que:

[...] notadamente comum na escola e nas unidades de educação infantil refere-se ao namoro. Muitos relatos demonstram que, por volta dos cinco até os dez anos, muitas crianças indicam e verbalizam no grupo carregado o fato de estarem “namorando” esta ou aquela criança. Este é um jogo carregado de emoções para as crianças.

Sabemos que o meio tem sua influência sobre a sexualidade, e cada vez mais cedo as crianças estão desenvolvendo essa sexualidade, e, esse, deve ser um tema a ser trabalhado com naturalidade na escola. E, claro que na Educação Infantil temos que ser muito cuidadosos e estarmos sempre em contato com os pais para orientá-los também sobre como agir com as crianças, sem repri-

mi-las para que o tema sexo não seja um problema no futuro.

No entanto, temos que observar o que a criança está vendo, seja nos grupos familiares ou na TV, porque a TV traz fIme s, músicas entre outros programas com conteúdos sexuais que não são próprios para essa faixa etária e podem causar um desconforto tanto para as crianças como para os pais.

Para Louro (1997, p. 39):

A evidência que a sexualidade e as relações entre gêneros vêm ganhando nas revistas, nos fIme s, nos outdoors, na televisão ou na publicidade é notável. Sua centralidade na cultura infanto-juvenil também não pode ser negada. Mas, certamente, os discursos que estão sendo feitos em torno dessas questões estão carregados de múltiplos sentidos, distintas possibilidades.

Sendo assim, é muito importante sabermos lidar com a questão da sexualidade na escola, principalmente na Educação Infantil, pois não podemos deixar que as crianças sejam privadas do conhecimento desse tema, mas sempre com muito cuidado por se tratar de um tema muito polêmico e delicado ainda atualmente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado, concluímos que a sexualidade é de suma importância para a vida de todos nós, pois ela não é só o ato sexual, e, sim o conhecimento e a descoberta do próprio corpo.

A sexualidade é para as crianças, os idosos, pessoas com necessidades especiais entre outros, e não podemos deixá-la fora da sala de aula em nenhuma etapa do ensino.

Esse tema ainda é polêmico e traz constrangimento para muitas pessoas, mas precisa ser tratado com naturalidade, pois faz parte da nossa vida.

Faz-se necessário, a cada dia, buscarmos mais conhecimento sobre o tema para podermos desenvolver melhor nosso trabalho com as crianças e crescermos como adultos.

Temos que deixar para traz os estereótipos e padrões do passado, pois só assim, nós, educadores, seremos capazes de enxergar a criança como um ser holístico, que tem direitos, inclusive o direito ao saber universal para que ela se torne um adulto capaz e feliz.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. A criança e seus jogos. Trad. De Marialzira Perestrello. - 2. ed. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 63.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais- Nacionais (PCNs). Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 15, 78, 81.

CRUZ, Judite Maria Zamith. Sexualidade e educação: Ciência, História, Mito e Arte.

Cadernos Escola e Formação do Centro de Formação de Associação de Escolas. Braga-RS, 2010, p. 46.

FREU, Sigmund. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron. A escola cidadã no contexto da educação globalizada. 2. ed. Petrópolis: Vozes,1997, p.39.

MARTINI, Carolina Aparecida. Sexualidade na educação infantil: uma reflexão sobre a prática pedagógica em escolas públicas e privadas na cidade de Cambé-Pr. 2009. 60

f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.

NUNES, M. Pedagogia da Cultura Corporal. São Paulo: Phorte, 2006, p. 80.

OLIVEIRA, Arlete Piccolo de. Sexualidade e educação infantil: uma visão histórica, teórica e cultural. 1 ed. São Paulo: edição do autor, 2016, p. 04.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. Revista Aleph Infâncias. Ano V Nº 16. novembro de 2011, p. 02, 03.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. Sexualidade começa na infância. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007, p. 18.

ZABALZA, Miguel A. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 20